



## Malba Tahan O Homem Que Calculava



Os livros de Malba Tahan, mesclando histórias árabes com os mais intrincados cálculos matemáticos, estão de volta. A Record reeditará toda a sua obra.

# Malba Tahan, literatura que volta

ANA MARIA CICCACIO

Sem nunca ter viajado para o Oriente Médio e antes que as questões árabes ocupassem as manchetes dos jornais, quer dizer, num tempo em que o petróleo não era tão caro e as guerras na região não tinham o interesse internacional de hoje, um brasileiro, de nome Júlio César de Melo e Souza, célebre como Malba Tahan, deliciava os jovens com uma literatura mestiça: os mistérios das Mil e uma Noites e a abstração da matemática.

Gerações e gerações se encantaram com seus contos e lendas árabes, com suas histórias de matemática recreativa, até que seus livros se esgotaram, a ponto de se registrar um lapso de 21 anos entre a última edição (pela Editora Conquista) e o projeto atual da Editora Record de relançar toda a obra do autor. O primeiro volume é "O Homem que calculava", já em 26ª edição, com ilustrações coloridas reproduzidas da edição espanhola. Em seguida virão "Maktub" (que foi traduzido para o inglês), "Lendas do Povo de Deus" e "Mil Histórias sem Fim" (em dois volumes, com contos sobre a Arábia). Uma iniciativa que, sem dúvida, terá o reconhecimento do público em geral, mas também de críticos, professores e estudantes, já que traz de volta, em ortografia atual, um escritor tão importante quanto Monteiro Lobato, tal a sua criatividade.

Júlio César de Melo e Souza foi uma pessoa perspicaz. Nasceu no Rio, passou a infância em Queluz, no interior de São Paulo, estudou no famoso Colégio Pedro II, voltando, portanto, à sua terra de origem. Conta-se que, menino ágil e inteligente, vendia para os seus colegas de classe as redações que os professores pediam, sobre os mais diferentes temas. E era muito inventivo, criando personagens de nomes estranhos e situações impensadas, talvez já influenciado pelas leituras de um bonito e bem conservado exemplar de "As Mil e uma Noites", que o ocupava nos dias chuvosos, ainda em Queluz.

Acabou por se formar em engenharia, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. E, quando seu primeiro livro de contos estava pronto, percebeu que ninguém o respeitaria: histórias orientais assinadas por um nome português? Já tinha experimentado um pseudônimo inglês — R. S. Slade —, mas suas histórias foram quase ignoradas quando publicadas no *Jornal Imparcial*. Foi aí que teve a idéia do Malba Tahan. Era o ano de 1925 e ele editava "Contos de Malba Tahan". Extraía do árabe o ardil para conquistar seus leitores: "Como gostava do Oriente, escolhi o nome de um oásis do Iêmen e o juntei ao sobrenome de uma aluna minha". O mais curioso de tudo é que Melo e Souza engendrou até mesmo uma biografia para o seu "famoso escritor árabe", nascido na aldeia de Muzalt, nas proximidades da antiga cidade de Meca, e cujo nome completo era Ali Izzid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan.

Tanta criatividade, Melo e Souza nunca exerceu a profissão de engenheiro civil. Preferiu dedicar-se ao magistério e à literatura. Lecionou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde instituiu uma nova disciplina, "A Arte de contar Histórias", para o aperfeiçoamento de professores. Foi educador no Serviço de Assistência aos Menores e catedrático de Matemática do Colégio Pedro II, da Escola Nacional de Belas Artes e da Faculdade Nacional de Arquitetura. Entre suas obras mais notáveis estão "Céu de Allah", "Maktub", "A Arte de ler e contar Histórias", "O Homem que calculava", "A Sombra do Arco-Iris", "As Maravilhas da Matemática". Algumas dentre os 150 livros que publicou, além de três outros inéditos até hoje: um dicionário de matemática, um livro sobre pesos, medidas e moedas, e um com o título "Maria, Maria, Maria", onde condensou em quatro volumes tudo o que conhecia sobre esse nome.

Essa obra, em que não faltam livros didáticos sobre matemática, que brasileiros entre 30 e 60 anos recordam com saudade, ficou praticamente sem reedição depois de sua

morte, em 1974. Sua mulher, dona Nair, com quem foi casado durante 50 anos e teve três filhos, revela que foi obrigada a processar a Editora Conquista para reaver os direitos e poder negociar reedições. "Já antes de sua morte os responsáveis pela editora diziam que seus livros não tinham saída e não lhe pagavam nada. O que não era verdade. A editora fizera uma coleção de 18 colunas em 1963, e a venda aos poucos, sem nos dar conta dos direitos. Pelo inventário, eu fiquei proprietária dos livros e então decidi acionar a Justiça, para retomar os direitos. Mas somente há uns cinco anos a Conquista fez declaração de que não possuía mais livros em estoque, liberando-me para o contrato com a Record."

Ganham as novas gerações e quem quiser recordar a linguagem acessível com que Malba Tahan apresentava, mesmo em seus livros de ficção, os mais intrincados problemas matemáticos, sem contar os vãos de sua prodigiosa imaginação. "O Homem que calculava" vem editado pela Record de maneira bem cuidada e é, sem dúvida, o seu livro mais famoso. Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras e traduzido para o espanhol e o inglês. Trata-se de um trabalho muito original, segundo os críticos, que revela o profundo conhecedor da sabedoria do Islã e da ciência matemática. Nele estão condensados ainda que de maneira sutil, os seus métodos para prender a atenção — para ele, a matemática nunca foi um "bicho-de-sete-cabeças" o problema era como os professores ensinavam. Na voz de um de seus personagens Malba Tahan profetizou: "O amor é o melhor e mais curto caminho para a sabedoria". Como ele mesmo dizia, nasceu "para ensinar na cátedra ou nos livros" transcendendo o didatismo, para tornar o acesso ao conhecimento uma grande aventura, encantada por personagens inusitados e, finalmente, com uma grande dose "de amor", sinônimo de desprendimento, de fruição, como se espera de um mestre.